

Referências Bibliográficas

- AGUILAR, Gonzalo. “Aira/Rosa: um vestido e um recado”. In: Santos, L.A.B.; Pereira, M.A. **Trocas Culturais na América Latina**. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos Latino-americanos (NELAM) – FALE/UFMG, 2000
- AMORIM, Bernardo Nascimento. “Guimarães Rosa no Chile e no Uruguai”. In: Duarte, L.P. et al. **Veredas de Rosa II**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2003.
- ARISTÓTELES. **De Interpretatione**. In: ANGIONI, L. (trad./org.). *Ontologia e Predicação em Aristóteles*. Campinas: Unicamp: 2000.
- ARMSTRONG, Piers. **Guimarães Rosa in Translation**: scrittore, editore, traduttore, traditore. *Luso-Brazilian Review*, Madison, v. 38, n. 1, p. 63-97, Summer 2001.
- _____. **Third World Literary Fortunes: Brazilian Culture and its International Reception**. Lewisburg: Bucknell Univ. Press. London: Associated Presses, 1999.
- AUSTIN, John Langshaw. **Philosophical Papers**. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- BARTHES, Roland. “A morte do autor”. In:_____ **O Rumor da Língua**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988a.
- _____. “Da Obra ao Texto”. In:_____ **O Rumor da Língua**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988b.
- _____. **Aula**. Tradução e posfácio de Leyla Perrone- Moisés. São Paulo: Ed. Cultrix, 1983.
- BENJAMIN, Walter. “A Tarefa-Renúncia do Tradutor”. Tradução de Susana Lages. In: HEIDERMANN, W. (org.) **Antologia Bilíngüe – Clássicos da Teoria da Tradução**. Volume I, Alemão-Português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001.
- BONATTI, Nícia Aidan. **Entre o amor da língua e o desejo: a tarefa sem fim do tradutor**. Tese de doutorado, IEL/Unicamp, 1998.

- CÂNDIDO, Antônio. “O Homem dos Aessos”. In: COUTINHO, Eduardo (org.) **Guimarães Rosa**. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Brasília: INL, 1983.
- COUTINHO, Eduardo. “Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem”. In: _____ (org.) **Guimarães Rosa**. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Brasília: INL, 1983.
- _____. “Guimarães Rosa: Um alquimista da palavra (Prefácio)”. In: ROSA, J.G. **Ficção completa em dois volumes**. Volume I. Organização e prefácio de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- _____. **O monolingüismo do outro ou a prótese de origem**. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das letras, 2001.
- _____. “Carta a um amigo japonês”. Tradução de Érica Lima. In: OTTONI, P. (org.) **Tradução: a prática da diferença**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, FAPESP, 1998.
- _____. **Acts of Literature**. Edited by Derek Attridge. New York: Routledge, 1992.
- _____. “Acontecimento Assinatura Contexto”. In: _____ **Margens da Filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas, SP: Papyrus, 1991a.
- _____. “Mitologia Branca”. In: _____ **Margens da Filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas, SP: Papyrus, 1991b.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **As Palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HANSEN, João Adolfo. **A imaginação do paradoxo**. Arte em Revista, Ano I, no.2. Maio-Agosto. São Paulo: Kairós livraria e editora, 1979.
- HARRIS, Roy; TAYLOR, Talbot. **Landmarks in Linguistic Thoughts I**. New York: Routledge: 1989.

LAGES, Susana Kampff. **João Guimarães Rosa e a saudade**. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2002.

_____. **Depois de Babel**: Guimarães Rosa e a tradução. *Nonada Letras em Revista*, Centro Universitário Ritter dos Reis, n.10, 2007 (p. 157-166). Em: <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/45/23>. Acesso em: 01/10/09.

LEÃO, Ângela Vaz. **O Ritmo em “O Burrinho Pedrês”**. In: COUTINHO, E. (org.) **Guimarães Rosa**. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Brasília: INL, 1983.

LIMA, Sônia Maria van Dijck (org.) **Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000

LISPECTOR, Clarice. **A Maçã no Escuro**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1995.

LORENZ, Günter W. “Diálogo com Guimarães Rosa”. In: COUTINHO, E. (org.) **Guimarães Rosa**. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Brasília: INL, 1983.

_____. **Diálogo con Latinoamérica**: Panorama de una literatura del futuro. Barcelona: Editorial Pomaire, 1972.

MARTINS, Helena. "Três caminhos na filosofia da linguagem". In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos. Vol. 3**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **A linguagem que não é razoável (ou irrazoável)**: Breve diálogo entre Wittgenstein, Rosa e Beckett. Cuadernos de Intercâmbio Rosario-Río de Janeiro. Vol. 1. Rosario, Argentina: UNR Editora, 2009. p. 63-71.

MENDES, Eliana Amarante. “A Recepção de Guimarães Rosa na Alemanha e na Itália”. In: Duarte, L.P. et al. **Veredas de Rosa II**, Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2003.

MONEGAL, Emyr Rodríguez. “Em Busca de Guimarães Rosa. Trad. Selma Calasans Rodrigues. In: COUTINHO, Eduardo (org.) **Guimarães Rosa**. Coleção Fortuna Crítica, vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Brasília: INL, 1983.

NASCIMENTO, Evando. “Transfilosofia da Desconstrução – Leitura de Curtamão”. In: DUARTE, L.P. *et al* (org.) **Veredas de Rosa II**. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2003.

- NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).
- NUNES, Benedito. “Guimarães Rosa e tradução”. In: ____ **O dorso do tigre – ensaios**. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- OTTONI, Paulo. **John Langshaw Austin e a Visão Performativa da Linguagem**. Delta v. 18, n. 1, 2002 (p. 117-143)
- PEREIRA, Maria Antonieta. “Leitura de Guimarães Rosa na Argentina”. In: Duarte, L.P.; Alves, M.T.A. (org.) **Outras Margens – Estudos da obra de Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- PLATÃO. **Diálogos de Platão: Teeteto – Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Vol. IX. Belém: Ed. Universidade federal do Pará, 1973.
- RABASSA, Gregory. **If this be treason - translation and its discontents: a memoir**. New York, N.Y.: New Directions Book, 2005.
- RÓNAI, Paulo. “Os vastos espaços”. 1966. Prefácio In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 2005
- ROSA, João Guimarães. “Carta de João Guimarães Rosa a João Condé, revelando segredos de Sagarana”. In: _____. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. **Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason**. Organização de Maria Aparecida Faria Marcondes Bussoloti. Trad. Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003a.
- _____. **Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003b.
- _____. **Gran Sertón: Veredas**. Traducción de Florencia Garramuño y Gonzalo Aguilar. Buenos Aires Adriana Hidalgo Editora, 2009.
- _____. **Sagarana emotiva: cartas de J. Guimarães Rosa a Paulo Dantas**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.
- _____. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. **Tutaméia - Terceiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ROSENFELD, Kathrin. “Apresentação”. In: LAGES, S.K. **João Guimarães Rosa e a Saudade**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.

- _____. “Fingir a Verdade”. In: DUARTE, L.P.; ALVES, M.T.A. (org.) **Outras Margens – Estudos da obra de Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Autêntica/PUC Minas, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.
- SEIDINGER, Gilca Machado. **Guimarães Rosa em Tradução: o texto literário e a versão alemã de *Tutaméia***. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara. São Paulo: 2008.
- VALENTE, Luiz Fernando. **Fiction and the Reader: Prefaces of *Tutaméia***. *Hispanic Review*, vol.56, n.3, Summer. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press 1988. P. 349-362.
- VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução**. Tradução de Laureano Pelegrin *et al.* Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. **J. Guimarães Rosa – correspondência com a tradutora norte-americana Harriet de Onís**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara: 1993.
- VIOTTI, Fernando Baião. **Encenação do sujeito e indeterminação do mundo: um estudo das cartas de Guimarães Rosa e seus tradutores**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

10

Anexos – Cartas selecionadas

Carta VIII

Rio de Janeiro, 8 de abril de 1959

Exma. Sra.
Harriet de Onís
University of Puerto Rico
RIO PIEDRAS
Porto Rico.

Prezada Senhora de Onís,

Em aditamento ao meu bilhete interlocutório de 2 deste mês, só hoje é que respondo, propriamente, à sua estimada carta de 15 de março último. E vão, em anexo, ao mesmo tempo, as anotações que me foi possível fazer à margem de sua magnífica tradução. Isto é: vai a primeira parte delas – em 94 ítems. O restante, espero enviar-lhe dentro de três dias.

Antes de tudo, porém, tenho a alegria de cumprimentá-la e de lhe dizer de novo a minha gratidão. Sua tradução está realmente esplêndida. E, creia-me, nisto não entra gota de lisonja convencional ou de entusiasmo irrefletido, e sim clara sinceridade. Logo à primeira leitura, achei-a ótima. Relendo-a, sucessivas vezes, sempre fui gostando mais e mais, aumentando a minha admiração pela sua honesta capacidade e carinhoso esforço. Entretanto, como os meus próprios conhecimentos de seu idioma são bastante limitados para me permitir uma opinião crítica válida, tive depois ocasião de mostrá-la a três pessoas, de bom-gosto, cultura literária e perfeito domínio da língua inglesa; e todas louvaram enfaticamente o trabalho. Ora, sei também que o texto original era de versão difícil, por causa da quantidade de termos e giros-de-frase regionais, e mais os "tiques" do autor, arrezamentos e ousadias. Por isso tudo, ainda mais vivamente a felicito. Permitindo-me uma tentativa de inocente "humour", diria: que conseguiu traduzir uma língua especial e bárbaro-preciosa – o "português-brasileiro-mineiro-guimarãesroseano"... Terrível prova, com todo o brilho vencida.

Agora, algumas explicações sobre as observações que alinhei. Umhas NOTAS sobre as "NOTAS". A Amiga verá que me atirei a redigi-las com ardor e afinco; e me perdoará, também, se, em vários pontos, e não obstante a boa-vontade, elas comparecerão mais como elemento perturbador e de estorvo do que como auxílio. De fato, achei mais aconselhável, num caso destes, botar no papel tudo o que me passava pela cabeça, e que, pelo menos como rumo de indicação, lhe pudesse vir a ser útil. Nas soluções apontadas, assim, não recuei ante o atrevimento de apresentar formas rebarbativas ou absurdas, e mesmo impossíveis, macaqueando, numa espécie de caricatura de inglês, coisas de fazer arrepiar os cabelos aos sabedores do idioma. Repito, foi de propósito. Em tais casos, meu único intuito é sugerir rumos, acenar com pistas, certo de que a Amiga, "pela idéia ou pela toada", saberá achar o que eu não poderia saber. Estaremos, muitas vezes, obrigados a um tateio de mãos, de olhos fechados e bocas mudas, como se no diálogo de duas Helen Keller... Mas, a minha confiança em sua sensibilidade e capacidade já são muito grandes.

Relendo agora as "Notas", eu mesmo já começo a ficar em dúvida, por exemplo, quanto ao que sugeri em algumas delas: nas de n°s 4, 12, 36, 68, 65.3.

Na de n° 34,4 a idéia de usar-se "giddy" em lugar de "silly" me foi aconselhada por um dos leitores a que me referi. Eu havia apreciado muito a sua perfeita solução ("silly nanny-goat"). Gostei da outra, também, por causa da aliteração. Mas só a Amiga poderá julgar.

Na de n° 92,5 reexaminando a frase toda, e ante a impossibilidade de correspondência de nomes dos dois capins, nas duas línguas, acudiram-me estas mal esboçadas soluções : 1) where there were tussocks of fine grass and green hay; 2) where there was tussocks of at least two sorts of fine grass. Que acha?

Na de n° 73.6 Gostei muito de sua solução, principalmente do "...you bastard". Acho, porém, que talvez ainda se possa melhorá-la mais ou menos assim: "Hope you croak, you bastard." Acha?

Outras sugestões, que só agora me surgem:

Página 10, linhas 23/24 : to further exasperate Cassiano. Neste caso (split infinitive ?) acha que ficaria melhor ou pior : "to exasperate Cassiano further" - ? . (Pelo ritmo, entretanto, devo dizer que eu também prefiro a forma adotada pela Amiga, na Tradução.)

Pág. 8, linha 14: "aglow with mica". Que tal algo assim como: "with sandbeaches sparkling (ou AGLOW) with thousands of scales of mica" - ?

Pág. 8, linha 27: "back home to be an honest man". O que pensa de: "back home to be again an honest man"- ?. Confesso, porém, que a minha limitação em seu idioma não me permite aquilatar as duas formas.

Pág. 4, linha 8: "Why would the other kind". Que acha de: "Why should the other kind"- ?

73

Pág. 8, linha 1: "frome [sic] one another". Que tal : "from each other" – ?

Pág. 10, linha 14: "his reins loose". Ou: "the reins loose" – ?

Pág. 10, linha 14: "scanning the long line of hills". Aqui, houve ligeiro equívoco. Deveria ser: "scanning the far (ou: distant) line of hills".

Acerca da tradução ou não tradução dos nomes próprios, achei preferível o primeiro caso, às vezes (Exaltino-de-trás-da-Igreja, Sant'Ana-do-São-João-Acima, Elias Ruivo, etc.). Em outros casos, deixo a seu critério e preferência. Se quiser traduzir mais alguns, isto é, se achar que valha mais traduzi-los, aqui deixarei para isso algumas outras indicações:

Morro do Guará - Hill of the Wolf (ou Mount of the Wolf)

Morro da Garça - Heron's Hill (ou Mount of the Heron) Aruá - Snail-village, Snail-town

Cedro - Cedartree-town, Cedar-town.

Para o "das Velhas", ou rio das Velhas, a fórmula melhor, por mais sugestiva, seria então a que foi usada por Burton, no livro em que descreve sua expedição ao interior do Estado de Minas Gerais. Burton, que desceu esse rio, todo, num ajoujo de canoas, usou, muito justamente : "the Old Squaw river".

Enfim, agora peço-lhe perdoar-me a remessa desta massa de material confuso, feia e apressadamente ajuntado. E, premuniando-me contra qualquer extravio postal, pedir-lhe-ia que me comunicasse o mais breve possível o recebimento desta. Releve-me, igualmente, tudo o que parecer ousadia ou excesso. Tive de preparar isto tudo muito depressa, para não aumentar a demora, e aqui, nestes últimos dias, com o calor muitíssimo forte, minha saúde não esteve boa. Estas são as minhas desculpas. Gratíssimo, ainda uma vez, por tudo.

Muito e cordialmente seu,

a) J. Guimarães Rosa

Carta XII

University of Puerto Rico Rio Piedras P R

April 18 1959

Dear Mr. Guimaraes Rosa

I have your letters of April 8 and 10th, and I am so happy to know that you liked the translation of "Duelo". In spite of your modest disclaimer about your limited knowledge of English, it is apparent to me that you know it well, and your corrections and suggestions are extremely valuable to me. You have done exactly what I hoped you would do. Please give me all information that will throw light on any point I have not understood or will clarify the exact shade of meaning you wish to convey. Once I have grasped a thing, I work at it and worry it until I find the word or phrase that best expresses, not only the meaning, but the color, the emotion, etc. This is the way I have worked with almost all the living authors I have translated. Recently, in the case of Alejo Carpentier's LOS PASOS PERDIDOS, the translation involved lengthy consultations, because, in addition to the difficulties of his style, there were many technical musical and architectural terms that only an expert in the fields would know. It was a lot of work for Carpentier – although he did not seem to mind – but the result was a translation that was extravagantly praised even by the English reviewers who, as a rule, are not too generous toward American translations. The book has gone through seven editions in England.

As soon as you return your copy of the translation I shall revise it on the basis of your suggestions, and send you a copy in the final form in which I shall submit it to New World Writing.

I have signed a contract with Knopf for the translation of Grande Sertao. At first I was extremely reluctant to take it on, for I did not feel myself adequately prepared, but I could not hold out against Mr. Weinstock's and, especially, my husband's insistence that I could do it. Now, on the strength of your opinion of the translation of "Duelo", and counting on your excellent help, I feel easier in my mind. And I did not want anybody else to do it, for I felt that it was my discovery. When I go to work on it – which will not be until the summer, for I have several minor commitments that must be cleared away first – I shall, if this seems well to you, send you my weekly output for revision, and then the complete manuscript

for your final reading. We must spare no effort to make it as good as is humanly possible. Will you be kind enough to send me a copy of Grande Sertao, as I returned the one I had to Knopf with my report.

I should like to see your volume of poetry, too. I have Sagarana and Corpo de baile. Could you also suggest dictionaries that would be helpful. I have PEQUENO DICIONARIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA and Michaelis PORTUGUEZ-INGLEZ (the latter not very good).

I was amused at your saying that your language was "brasileiro-mineiro-guimaraesroseano". I had written Weinstock that it was "Brazilian, cum the dialect of Minas Gerais, cum Guimaraes Rosa's own special idiom." One point I should like to suggest. I would be in favor of leaving the place names in Portuguese. Even if the reader does not understand their meaning, they have a poetry and music that is lost in translation. What do you think?

I am sorry you are not feeling well. We were in Rio in July and August, and I thought the climate was delightful, but I suppose at this season of the year it can be very warm, and probably humid. On May 19th we shall be returning to the States until the middle of September. My address there is: Newburgh, New York, R D 3.

With many, many thanks and kind regards, I am,

Sincerely yours

Harriet de Onís

Carta XVII

Rio de Janeiro, 2 de maio de 1959

Cara Senhora de Onís,

Com a carta de 22, tive o prazer de receber a segunda forma de "The Duel". Muitas graças! Acho-a excelente; e concordo, feliz, com o que Eduardo Mallea escreveu sobre a notável Tradutora.

Pelos motivos que lhe expus na carta de 23, não me encontro em condições ótimas nem aconselháveis para poder concentrar-me num verdadeiro exame de revisão. Tive de limitar-me, por isso mesmo, a olhar apenas os pontos mais destacados, seguindo as anotações que guardara comigo. E, no tocante a alguns desses, creio ainda necessário insistirmos, valendo-me da oportunidade que me oferece, de introduzirmos modificações nas provas.

1. - THE RIVER WAS A PROLONGED, MOANING TONE (pág. 12, linha 15). No original: O rio era um longo tom, lamentoso. Aqui, devo confessar-lhe um capricho de autor. Esta, em todo o conto, é talvez a frase a que me apego mais. Eu mesmo acho nela, em português – talvez pela aliteração, teor curto, e assonâncias, – algo de inusitado, de "traduzido", de estranho, de força encantatória. Por isso foi que, para passagem aparentemente tão simples, tão sem importância para o leitor comum, e que no seu primeiro draft estava perfeitamente traduzida quanto ao significado externo das palavras, apresentei duas sugestões, no nº 111 das "NOTAS". Não me satisfaz o PROLONGED. E lhe peço: não seria possível deixarmos a forma:

THE RIVER WAS A LONG MOANING TONE - ? (sem vírgula separando o LONG do MOANING). Sinto, nela, qualquer coisa de curto, forte, concreto, inteiro, animal, primitivo, elemental, escuro e dinâmico, intenso, menos comum, mais vivo. O "prolonged" eu acho diluído, abstrato, previsível na frase, não fere, não choca o leitor. E, a ausência da vírgula, que proponho, com amor, tira o LONG do TONE e prende-o irremediavelmente ao MOANING: como se decorresse de um TO MOAN LONG... Sei que, com isso, violentar-se-ia um pouco o "repouso" idiomático do inglês. Mas... Sei que a Amiga compreenderá. São coisas e sensações difíceis de exprimir e de transmitir.

2. - IN THE DISTANCE THE FOREST SLUMBERED IN QUIET PEACE, IN A SILENCE THAT WAS ALMOST AUDIBLE (pág. 12, ls. 14/15).³ Aqui, também por motivos de vis poética, a frase não me agrada. Acho que ficou sem força, sem mistério. O "quiriri", do texto original, é palavra índia, cheia de superstição, de "coisa cósmica", de magia primitiva, de animismo, de sentido "pânico". A floresta é sentida como um enorme animal, que fala tão alto, ou tão grave, que os ouvidos da gente não lhe captam as vozes; um animal enorme que ressona mudamente. É um silêncio que assusta, como pausa prestes a rebentar em rugidos e trovão. Daí, não servir de maneira alguma o IN QUIET PEACE, nem o THAT WAS ALMOST AUDIBLE. Pergunto, pois, e peço: seria possível – ainda que, no caso, fique meio forçado o espírito idiomático da língua inglesa – seria possível deixarmos:

IN THE DISTANCE, THE FOREST SLUMBERED ALARMLESS, IN AN ALMOST RESONANT SILENCE - ?

(Acho importante que o final da frase seja: ... resonant silence –, pela bela aliteração, que joga, inconscientemente, o leitor para diante, para o mistério.)

(Deve ter notado que, em meus livros, eu faço, ou procuro fazer isso, permanentemente, constantemente, com o português: chocar, "estranhar" o leitor, não deixar que ele repouse na bengala dos lugares-comuns, das expressões domesticadas e acostumadas; obrigá-lo a sentir a frase meio exótica, uma "novidade" nas palavras, na sintaxe. Pode parecer crazy [sic] de minha parte, mas quero que o leitor tenha de enfrentar um pouco o texto, como a um animal bravo e vivo. O que eu gostaria era de falar tanto ao inconsciente quanto à mente consciente do leitor. Mas, me perdoe.)

E, para a frase, também me ocorrem:

IN THE DISTANCE, THE FOREST SLUMBERED IN UNRUFFLED UNRULY ALARMLESS PEACE, WITH ITS ALMOST RESONANT SILENCE.

Ou:

IN THE DISTANCE, IN UNQUIET PEACE, THE FOREST SLUMBERED UNRUFFLED, UNRULY, UNDER ITS ALMOST RESONANT SILENCE.

3. - THAT WEIGHED DOWN THE SHOULDERS (pág.12, l. 16). Prefiro, seriamente, a forma do primeiro draft, modificada na Nota nº 112:

THAT GRIPPED A MAN'S SHOULDERS. Acho-a mais rápida, mais enérgica, mais incisiva, mais sugestiva. Além disso, repare que, na realidade, o frio não abaixa os ombros da gente, mas, ao contrário, tende a levantá-los, quando uma pessoa se encolhe e tiritia. Demais, desse modo, o texto original fica respeitado exato.

4. - HAPPY AND SATISFIED (pág. 20, l. 11). Aqui, também, pediria à boa Amiga que adotasse o HAPPY AND PLEASED (Nota 176). Acho-a esplêndida, em sua maneira aliterada, curta, quase de bailado. Contém em si, em seus sons, em sua forte aliteração, uma nota de humour "vocabular", na música subjacente ao sentido literal. Além disso, é puro ritmo: – traduzindo exatamente o movimento dos capiaus descritos na frase, isto é, "verbalizando-o". Já o SATISFIED me parece fraco, banal, abstrato e sem relevo.

5. - THE LOCUSTS WERE UNBEARABLY SAD (pág. 20, l. 3). Três pontos tenho aqui a observar. Primeiro: em vários dicionários a que pude recorrer, verifico que LOCUST é outro inseto, outro bichinho, não traduz a poética e personalíssima "cigarra". Suponho que a Amiga a empregou por se tratar de uma acepção regional, do Oeste americano. Mas, por causa do étimo e da universalidade do radical (locusta: gafanhoto, langosta, locust, grass-hoper, Heuschrecke, cavalletta, etc.), permito-me insistir, no caso, que se mude para CICADAS ou para CICALAS (e não são palavras tão claras, tão belas ?) – de mais amplo e universal alcance. Concede-me? Segundo: seria possível, ainda que mediante alguma brutalidade, suprimir-se o WERE? Acho que ele enfeia a frase. Terceiro: também não me agrada o UNBEARABLY. Eu proporia, pois, algo assim:

The landscape was sad, with plenty of most sad cicadas, in the afternoon.
(V. também Nota nº20)

6. - SORRY WANDERER (p. 8, l. 21). O "sorry", aqui, corresponde ao "esdrúxulo" do texto original ? A nota que o autor quis dar não foi a de "triste" ou de "infeliz", mas a de: pitoresco, humour-negro, estranhez e fé absurda. Proponho:

extravagant wanderer

ou:

sad-absurd wanderer

sad singular wanderer

merry-sorry wanderer

sorry-merry wanderer

sorry-queer wanderer, etc.

7. - AND AS HE WAS IN THE HABIT OF WEARING COLLAR AND TIE (pág. 2, linha 1.). A tradução ficou incompleta. Faltou o nexso de causalidade: Turíbio Todo era forçado a usar colarinho e gravata, para disfarçar e esconder um pouco o seu papo. (V. Nota nº 20).

8. - FRUITLESSLY (pág. 14, l. 1). Confesso que a palavra me desagradava bastante. Acho-a comprida, feia, "snob", não assentando bem com o tom do texto. Não poderíamos, em vez dela, empregar:

IN VAIN, ou VAINLY, ou EMPTILY, NULLYLY, ou mesmo, INEFFECTUALLY, ou WITHOUT RESULT - ?

9. - GENTLY (pág. 14, l. 25). Não poderia ser SMOOTHLY - ?

10. - AND THE CURRENT PURLED AGAINST THE LARBOARD SIDE (pág. 14, linhas 25/26). Aqui, original e tradução divergem. O "marulhava" refere-se a fato unicamente sonoro, ao rumor do rio; assim, o "against" precisaria de sair ; – senão, ficaria mera repetição da parte inicial do parágrafo ("... slapped the sides of the raft..."). "A montante" refere-se a lugar de algum modo distante, rio acima. (Rogo reler Nota nº 145).

11. - BREAKING AGAINST THE SIDE OF THE RAFT, TRYING... (pág. 16, linha 2).

Aqui, sugeriria:

BREAKING AGAINST THE TIMBER, TRYING (e suprimindo-se, portanto, o RAFT).

O que o autor quis acentuar, no caso, é a matéria (a madeira) da balsa. Não para simples esclarecimento, mas por motivo... digamos: "filosófico".

Mas, se essa não for possível, então sugiro outra solução para a frase toda: THE CURRENT KEPT SLAPPING, TRYING TO THROW UP WAVES. (Suprimindo-se a oração "BREAKING AGAINST THE SIDE OF THE RAFT", tornada desnecessária repetição do que foi dito na página 14 ("... slapped the sides of the raft...").

12. - De algumas expressões, coloquiais, não gosto nada, por soarem banais ou com certa carga de vulgaridade. (Aliás, e acredite que sinceramente o digo, essa "vulgaridade" não é da tradução, nascida dela, mas reconheço que foi do

próprio autor, que pretende escoimar dessas a próxima edição do "S a g a r a n a".

Ei-las:

a)- SHOW-DOWN (pág. 10, l. 27).¹³ Soa-me horrível. Penso que, nas provas, poderíamos evitá-la usando:

THAT THE DECISIVE HOUR WAS COMING, AND THE END, etc.

Ou, se não:

THAT THE DECISIVE HOUR FOR THE END OF SO MUCH FEINTING HAD COME.

b)- AS COOL AS A CUCUMBER (pág. 13, l.14).¹⁴ Idem. I'm sorry, but I hate this. Poderíamos dizer, simplesmente:

AND WOULD EASILY ARRIVE AS THE COOL LAST. (?)

Ou:

... as the cool last guest. (?)

c)- PULL IN YOUR CLAWS, YOU CUB, FOR I'M GOING TO BEAT YOU TO A JELLY... (pág. 27, linha 27).

Perdoe-me, mas acho esta ainda pior. Relembro-lhe a sugestão dada em minha carta de 10 de abril: de alguma fórmula mais curta, mais rápida, e simples:

YOU... DOG !... I SQUASH YOU...

Ou:

YOU ! YOU, DOG... I CRUSH... I BRUISE YOU...

13. - SCHACK (pág. 11, linha 11).¹⁶ Aqui, como em outros pontos, o termo "rancho" foi traduzido por "shack", palavra que vem traduzindo também "cafua". Como essas designações aparecem com grande frequência em meus livros, gostaria que as precisássemos. "Cafua", cabana, choupana, penso que se traduzem bem por "shack" e por "hut". "Rancho", porém (que aliás, não está bem definido no "Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa"– e vou falar com o Autor que a corrija na edição próxima), é uma construção rústica diferente: é um abrigo simplíssimo, no campo, sem paredes (ou às vezes só com uma parede), apenas os 4 esteios e um teto de capim seco ou de palmas de coqueiro, só excepcionalmente de telhas (quando, então, se chama telheiro). É um barracão, galpão ou coberta, em geral extremamente primitivo. O mais das vezes, não tem proprietário habitador: serve apenas para os vaqueiros ou viajantes se abrigarem à noite ou durante a chuva. Ou, quando tem dono fixo, é apenas morada provisória de caçadores, pescadores, ou trabalhadores. Não seria melhor SHED? Ou, a fim de

evitarmos a excessiva e imprecisa repetição de SHACK, não poderíamos formar um s h a c k - s h e d?

14. - A COUNTRY SHACK (pág. 26, l. 15). Aqui, pelas razões dadas no número anterior, e por outras, eu preferiria:

A COUNTRY HUT

15. - OR MOVING OBJECT (pág. 12, linha 7). Aqui, não gosto do "o b j e c t" – acho sem vida, sem graça nem relevo. Prefiro uma palavra mais ágil, mais rápida, mais enérgica, mais "pairante":

SPOT ou STAIN ou SPECK ou SCRAWL. Ou, senão,: FORM.

16. - WAS FORCED INTO THE RANK OF THE UNEMPLOYED (pág. 2, l. 7).19 Não acha bem preferível algo assim como:

DRIFTED GRADUALLY INTO UNEMPLOYMENT AND IDLENESS - ?

17. - CURRASOWS (pág. 12, linha 13). Engano datilográfico. O nome é CURASSOWS.

18. - EXTENUATING (pág. 1, linha 5). Não será engano datilográfico, por ATTENUATING?

19. - BIG JUNGLE WOOD BUG (pág. 1, linhas 10/11). Deve ser só BIG JUNGLE BUG. (E fica até formalmente muito melhor, curto, forte, golpeadamente aliterado.)

20. - THAT LONG DRINK OF WATER (pág. 21, linha 3). O que "manguarão" (literalmente: grande bengala, ou vara grande) significa é "pessoa muito alta, homem comprido e feio". Daí, eu ter sugerido o SCARECROW. Não sei se "drink of water" figura esse mesmo sentido. Desagrada-me, em todo o caso, a expressão, porque seria de alcance muito limitado, ou de gíria muito regional.

21. - HIS CAPE (pág. 5, linha 14). Que acha de:

h i s g r e e n e x - m i l i t a r y c a p e ?

22. - I USED TO BE CALLED TWENTY-ONE (pág. 20, l. 26). Não seria:

I USED ALSO TO BE CALLED TWENTY-ONE - ?

(V. também Nota nº 177)

23. - (Conversation Two Fathoms Down) (pág. 1, epígrafe).

Como não se trata de título de poema, nem de indicação de livro, mas é simples explicação do lugar onde se passa a conversa dos peixes, não seria melhor em grifo, e deixando as iniciais em minúsculas?

Assim:

(Conversation two fathoms down.)

Se tivesse tempo, gostaria, e muito mais, de apontar também aqui, louvando-as com alegria, as magníficas soluções encontradas por minha Amiga, em sua excelente tradução, e que me entusiasmaram sinceramente. Tempo e saúde. Porque, agora, outra vez, pude verificar, ainda mais, como um exame destes me angustia e piora. Vou, direitinho, agora mesmo, tomar Serpasol e medir a pressão arterial. Sem Mrs. Oliver – veja bem – não acha que a revisão do "Grande Sertão : Veredas" me mataria ? Além de tudo, preciso de um filtro, de um dique, de pessoa que seja ao mesmo tempo condutor-e-isolador. Reclamo-a, mais ou menos como Stalin, com Moscou e a Rússia toda ameaçada, reclamava de Roosevelt e Churchill a urgente abertura de uma Segunda Frente...

Mas, muito admirador, muito grato, muito

Seu

o

P.S.- O desalinho e as imperfeições da carta correm também por conta da pressão alta e da angústia...

Carta XXI

Newburgh, New York R D 3

June 3 1959

Dear Mr. Guimarães Rosa

This is the first moment I have been able to snatch to answer your letter of May 21. It is so good to be back in my own country, but, alas, there is, as a friend of mine once said, no substitute for a pair of black hands in the kitchen, and it is impossible to get help here in the country. But I am getting things organized, and I shall be all right.

First, the points you have raised about the translation, and then I shall tell you about Mrs. Oliver.

2) I shall say: "The forest slumbered in massive peace, in an almost resonant silence." Massive seems to me a fine word, and you have the alliterations which you love. O.K.?

12) I like: "You dog! ... I'll squash..." I'll find a word. Perhaps "hulk".

P. S.) I shall make it cicadas, since you are not happy with locusts. You see, locusts has so many associations for us in English--the plagues of locusts in the Bible, etc. But we'll give it the somewhat exotic flavor you suggest with cicadas. And I'll see what I can do about "heart-breaking", though I do not think the fact that Cassiano has a bad heart really matters in this connection.

I have had a disappointment with "Duel". New World Writing, for which it was intended, has ceased publication. But I have sent the story to my literary agent, who liked it enormously, and feels that she will have no trouble in placing it. But even if she doesn't – and I feel sure that she will – it has been wonderful preparation for Grande Sertao.

Now to Mrs. Oliver. I have had a very cordial letter from her, and I think we shall be able to work out a satisfactory arrangement. She did raise several points. She hoped I would be able to go to work on the translation at once. For the domestic reasons I have pointed out above (and which I explained to her) this is impossible; besides, before beginning, I want to give the book another and very careful reading, not only to steep myself in its atmosphere, but to see all the problems I am going to run into. I have suggested to her that I send her lists of the problems I encounter as I go along with the reading for her to solve or explain,

and then, when the first draft of the translation is completed, that she give it a thorough reading, making such corrections as she thinks pertinent. Confidentially, and only between us, I do not feel that I need her help in the literary aspect; I can handle that myself once the meanings and allusions I am not sure of are established. But, of course, I shall not tell her this.

The other point she raises is financial. She feels that \$300 is not sufficient compensation. I have written to Knopf, telling them this, and asking what they can do. I do not know if they will be willing to pay the \$500 she proposes, but possibly they will go to \$400. She also wants to receive credit in a note or preface for her help. I have no objection to this.

Now you are not to concern yourself about any of this. Olha a inacia! We will work everything out. You must look after your health, for we do not want this translation to be anything but a source of satisfaction to you.

With kind regards, I am,

Sincerely yours

Harriet de Onís

P.S. I have explained to Mrs. Oliver that when we get back to Puerto Rico about the middle of September, as I have two pairs of black hands in the house, I can spend six or seven hours a day on the translation, and it will move along at good pace, after this second reading which is a kind of mental translation.

P.S.S. Occasionally my son, who is the representative of the New York Times in Buenos Aires, gets up to Rio. If he does, I am going to take the liberty of asking him to call on you.